

APRENDIZAGEM COLABORATIVA: O USO DO FACEBOOK COMO METODOLOGIA ATIVA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

RIO DE JANEIRO/RJ MAIO/2017

ANA LÚCIA GUIMARÃES - CENTRO UNIVERSITÁRIO AUGUSTO MOTTA - profanaluciaguimaraes@gmail.com

Tipo: RELATO DE EXPERIÊNCIA INOVADORA (EI)

Categoria: MÉTODOS E TECNOLOGIAS

Setor Educacional: EDUCAÇÃO SUPERIOR

RESUMO

Em tempos atuais com o uso massivo das redes sociais, nós educadores, precisamos estar atentos ao uso e aproveitamento desses recursos para o favorecimento da aprendizagem. No caso específico do Facebook, vemos que grande parte dos alunos usa esta rede social de forma rotineira e muitas vezes também não percebem que podem fazer um uso da mesma para trabalho de equipes, visando uma aprendizagem mais colaborativa. Nesse trabalho, temos como temática fundamental demonstrar que o uso da rede social - Facebook pode ser aplicado como metodologia ativa de ensino na Educação Superior. Trata-se de mostrar como a mídia social, notadamente o Facebook, pode ser utilizado para organizar, acompanhar e realizar interações e aprendizagem colaborativa com alunos da Educação Superior. Como o uso das mídias sociais em especial, o Facebook, pode contribuir para aprendizagem em trabalhos de grupo com alunos da Educação Superior? Para responder esta questão, utilizei como metodologia a construção de equipes de trabalho para desenvolvimento de seminários da disciplina de Ciência Política em uma Instituição de Ensino Superior Privada. Também promovi a criação de grupo no Facebook para interação das equipes e, finalmente, instituí regras de trabalho e postagens. Como resultados percebi uma interação dinâmica e interessada por parte dos alunos e produção de novos saberes. Com esta experiência, acredito estar contribuindo para Contribuir para a produção de novas dinâmicas e estratégias de ensino-aprendizagem, fundamentadas nas tecnologias digitais, para alunos da Educação Superior na era da sociedade da informação.

Palavras-chave: Aprendizagem Colaborativa, Facebook, Rede Social, Metodologias Ativas, Interação.

Introdução

A temática do uso das redes sociais na educação como uma prática de aplicação da tecnologia ao processo de produção de novas aprendizagens mediante a relação educação e tecnologia, vem sendo uma realidade cada vez mais próxima das salas de aula sejam elas presenciais ou à distância. Com esta percepção de que nós educadores temos que criar e produzir metodologias mais ativas e que suscitem abordagens do uso da tecnologia a favor da aprendizagem decidi que trabalhar com uma rede social, o Facebook, que tem uma grande adesão e que é considerada massiva por grande parte da população e, sobretudo, pelos estudiosos desta perspectiva, poderia ser um fator dinamizador e diferencial para produção de saberes, trocas e aprendizagens em Ciência Política, uma disciplina com características mais teóricas, e que os alunos, na maioria das vezes, sentem certa resistência por ser esta ministrada com esta característica de aulas mais expositivas. Portanto, percebi que usar o Facebook poderia atrair, movimentar e interessar mais aos alunos que estando no quarto período de diversos Cursos de graduação, pois a disciplina era obrigatória, entre eles, Administração, Ciências Contábeis, Publicidade, Turismo e Direito. Assim, iniciei meu trabalho com esta proposta de Metodologia Ativa e Aprendizagem colaborativa.

Nesse sentido, com este artigo, tenho como alvo mostrar como a mídia social, notadamente o Facebook, pode ser utilizada para organizar, acompanhar e realizar interações e aprendizagem colaborativa com alunos da Educação Superior. A principal pergunta que nos leva ao desenvolvimento desta experiência é como o uso das mídias sociais em especial, o Facebook, pode contribuir para aprendizagem em trabalhos de grupo com alunos da Educação Superior? Minha hipótese inicial me dizia que o uso rotineiro do Facebook como uma rede social de massa pelos alunos poderia colaborar para seu uso e aceitação como recurso pedagógico e que também poderia servir como um recurso facilitador e atraente para uma aprendizagem dinâmica e inovadora.

Considero relevante debater os conceitos de Metodologias Ativas na Educação Superior, Aprendizagem Colaborativa, Redes Sociais e Educação e para que possamos entender mais sobre a proposta desenvolvida.

1 -Metodologias Ativas na Educação Superior

Para Valente (2014) temos como grande desafio na Educação Superior manter os alunos com atenção nas aulas desenvolvidas em sala e também fazer com que estejam buscando estar na universidade. Além da criação de uma proposta acessível para a grande demanda de busca pelo Ensino Superior. Assim , o autor defende que é preciso

redefinir o modelo de transmissão de informações e conhecimentos que ainda regem as metodologias e processos de ensino-aprendizagem na educação superior.

Mas, antes de retomarmos esta ideia de que é necessário iniciar novas propostas de ensino na Educação Superior, conforme nos mostra o autor acima mencionado, e de fato, é o que nos leva a definição de nossa experiência nesse trabalho, devemos definir o conceito de metodologias ativas.

Segundo Moran (2015) se queremos alunos da educação superior e demais segmentos de ensino, sejam proativos, precisamos utilizar metodologias em que eles se envolvam em atividades intensamente desafiadoras, com tomada de decisões e avaliação dos resultados, para isto tem de haver apoio de materiais relevantes. Para desenvolver a criatividade nos alunos, segundo o autor, é necessário que os educadores ofereçam a eles a chance de experimentar novas possibilidades de revelar esta iniciativa.

Ainda para Moran (2015) devemos aprender sempre perto do que vamos vivenciar. Portanto, falar de metodologias ativas é entender que estas são pontos de partida para a concepção de uma educação com reflexão, integração cognitiva, de generalização, e reelaboração de novas práticas. Dito de uma forma mais direta, as metodologias ativas tendem a oferecer abordagens mais dinâmicas com propostas de recursos materiais e pedagógicos mais interativos, contextuais, que podem envolver e atrair mais as novas gerações de alunos que chegam aos bancos das Universidades e que estão precisando obter formação em nível superior dentro da perspectiva do aprender fazendo, que se inscreve nos parâmetros dos pilares da educação do Século XXI, como nos mostra Delors (1998). Na atualidade, precisamos reconhecer sobretudo, que as tecnologias digitais, redes sociais e aplicativos colaboram de forma significativa com esta orientação. Principalmente, porque incentivam a interação e a aprendizagem colaborativa.

2. Aprendizagem Colaborativa

Segundo Behrens (2005), as Universidades precisam trabalhar com o novo desafio de preparar os alunos para uma ideia de educação continuada, a aprendizagem ao longo da vida, por isso, os professores precisam redefinir práticas pedagógicas para avançar em direção a modelos de ensino que não sejam apenas fornecedores de informações aos alunos. É preciso usar a rede informatizada para acessar aos alunos e atender as demandas da atual sociedade. Nesse formato, para a utora, o professor passa a ser um investigador, um pesquisador, que produz conhecimento crítico e reflexivo, sendo parceiro e articulador da aprendizagem de seus alunos.

Vemos também em Delors (1998) que a redimensão das práticas pedagógicas para o formato mais colaborativo implica na percepção de que professores e alunos passam a ser parceiros de um projeto comum, que instiga a cooperação, a colaboração, preparando de fato o aluno para enfrentar às exigências da sociedade vigente.

Tais contribuições somam ainda mais com a leitura de Levy (1993) que enfatiza a organização do conhecimento a partir de três formas: a oral, a escrita e a digital. As três formas acontecem e devem acontecer juntas, no entanto, o autor destaca o quanto é importante termos uma atenção com a rede digital que vem facilitando e aumentando a velocidade da comunicação.

3. Redes Sociais, Conectivismo e Educação

Ao estudar o conceito de conectivismo na educação, Siemens (2004) nos revela que a inclusão da tecnologia e da ideia de realizar conexões como atividades de aprendizagem direciona as teorias de aprendizagem para o que chama de idade digital. Essa percepção do autor também nos conduz para o entendimento que a aprendizagem em rede digital torna o conhecimento acessível e possibilita o que apresentamos acima a aprendizagem colaborativa. Para Couto & Santos (2010) as redes sociais são relações entre as pessoas que podem ser mediadas por sistemas informatizados ou não. Eles apontam que estas relações provocam mudanças e influências na vida das pessoas, a partir de métodos de interação. O conhecimento é construído no processo. Com isso, vemos o quanto a rede social colabora para essa tessitura de saberes e informações, como significam os autores, uma teia de laços que produzem resultados de aprendizagem e que devem abrir múltiplas possibilidades de articulação das ideias, questões, problemas e hipóteses levantadas por alunos e professores nas redes sociais, que são mediadas pela tecnologia e seus softwares sociais da internet.

A noção de ciberespaço e cibercultura, conceitos elaborados no pensamento de Levy(1999) ganham materialidade com as trocas e produções promovidas pelas redes sociais. O autor demonstra que os grupos humanos em rede podem constituir verdadeiros coletivos inteligentes. Os saberes evoluem em velocidade e ganham muito mais vida e dinâmica com a construção de novos conhecimentos em rede. Ele trabalha com conceitos que denotam ideias de aprendizagens permanentes e personalizadas que são criadas através da navegação na web, orientação de alunos no espaço virtual, aprendizagens cooperativas, inteligência coletiva e comunidades virtuais. Todos conceitos que se fundam na interação, originada nas redes sociais.

Sobre a ideia de cibercultura e ciberespaço, Santos (2011) define estes como espaços

multirreferenciais de aprendizagem, ou seja, aqueles que contemplam e articulam tempos, espaços linguagens e tecnologias para além dos que já são legitimados pela tradição da ciência moderna. Segundo a autora, a capilaridade do acesso à rede em nível mundial somada a influência das tecnologias digitais, afeta diretamente os cotidianos nas mais plurais dimensões.

Não podemos deixar de reconhecer o que Castells (1999) nos revelou sobre o fato de que sociabilizar-se em rede é o termo que dá significado às interações sociais no mundo ocidental e nos países desenvolvidos através da internet. Este modelo de sociedade está fundado em nosso cotidiano e move nossas relações com o mundo, a partir das trocas digitais.

A pergunta então é será que não podemos utilizar as redes sociais a favor de criar aulas mais personalizadas, com possibilidades de flexibilização, colaboração, em um universo em que os desafios são complexos e diferenciais. Com esta questão motivei-me ainda mais a iniciar minhas experiências com o Facebook em sala de aula.

3.3. O uso do Facebook como estratégia de aprendizagem colaborativa

Como nos mostra Goulart (2004), assistimos hoje uma reconfiguração do trabalho docente e a presença das novas tecnologias ou, das Tics, tecnologias da informação e comunicação, está no topo dessas mudanças. Esse uso compõe, para a autora, o discurso do e para o ensino. Elas apresentam um sentido múltiplo na superação das chamadas “velhas tecnologias”, representadas pelo quadro-de-giz, materiais impressos, por exemplo.

Mattar(2013) considera que o uso das redes sociais, sobretudo, do Facebook, tem se ampliado de forma significativa entre jovens em nosso País e no cenário mundial. Segundo ele, relatos identificam que o alto grau de interatividade e a presença gigantesca de estudantes fazem dele uma poderosa ferramenta para a educação. Sua contribuição é ampla na medida em que oferece recursos de compartilhamento de conteúdos em grupos, construção colaborativa de conhecimento, perspectiva de realização de Fóruns para debate temático, o que o credencia para servir como espaço de aprendizagem, certamente com o acompanhamento de professores e da Instituição onde o processo se dá.

Segundo ele, as redes sociais conectam as pessoas por diversos motivos, associações que as afeta umas as outras. Portanto, para ele, no contexto escolar, usar uma rede social oportuniza novas formas experienciais de ensino e aprendizagem. Ainda para ele,

o facebook possibilita o contato com as tecnologias e uma gama bem variada de pessoas, além de criar ambiente que leva a reflexão antes de qualquer manifestação ou exposição para uma sistematização sobre determinada informação. Por isso, o facebook vem ocupando espaço valioso como plataforma para a comunicação na educação.

Também Minhotos e Meirinhos (2011) ao pesquisarem sobre potencialidades da rede social, Facebook, para o desenvolvimento das competências sociocognitivas da disciplina de Biologia do 12º ano do curso humanístico de Ciências e Tecnologias da Escola Secundaria Abade de Baçal, em Bragança, Portugal, com quinze alunos durante dez semanas desenvolvendo atividades como partilha de conteúdos, discussão de temas em fóruns, participação em wikis, construindo de forma colaborativa, o conhecimento, verificaram a partir de aplicação de questionários, houve um aumento do envolvimento dos alunos, da comunicação, da colaboração e da partilha de informações, do desenvolvimento crítico e reflexivo, do estímulo à troca de informações e argumentações. O que os levou a concluir que para se ter sucesso no uso desta rede social é preciso envolvimento de docentes e discentes pois a interação compreende diferenciados níveis de conhecimento e experiências.

A experiência que relato foi desenvolvida com alunos, de uma turma mista da Educação Superior de uma Instituição da mesma modalidade da rede privada de ensino, da qual sou professora há treze anos, que se encontravam no quarto período, e coube a mim ministrar a disciplina de Ciência Política para a turma, no ano de 2014, , como já relatado aqui. Esta turma como disse mista em formações, era composta por diferentes formações, Administração, Ciências Contábeis, Publicidade, Turismo e Direito. De qualquer forma, vale destacar que os alunos destas formações sempre consideram uma disciplina não muito específica de sua área de formação, uma aprendizagem que seja não muito agradável ou muito bem vinda. Em se tratando de Ciência Política, inclusive, muitos sempre chegam à sala de aula, achando que vão debater, discutir política partidária e que, portanto, os conteúdos não terão muito ligação com a formação que estão lá para conquistar. Dessa forma, eu já imaginava encontrar tais resistências. E, por isso mesmo, teria que buscar na tecnologia um apoio a mais para prender a atenção daqueles alunos.

A metodologia de trabalho foi desenvolvida a partir da organização de seminários com temas presentes na ementa da disciplina. Inicialmente, formamos times, que chamei de Gts, grupos de trabalho. Eles mesmos os constituíram. Pedi, então, que escolhessem um nome e uma imagem para representar cada time. A escolha da imagem foi aliada a própria discussão sobre possuir uma marca, uma identidade que defina o potencial de ação e criatividade da equipe. Disse a eles que pesquisasse qual seria seu avatar[16].

Após estas definições, escolhemos temas e datas das apresentações. Então, informei a eles que para este trabalho, estaria criando um grupo no Facebook e que estaria avaliando e acompanhando o desenvolvimento dos trabalhos pelas postagens guiadas que eu solicitaria aos times. Pronto, foi uma preocupação imediata por todos. Uns alegavam não ter tempo para ver a rede social e outros que não gostavam ou queriam ter Facebook. Nesse momento, tiramos da cartola toda nossa habilidade pedagógica para convencê-los que pode e deve ser uma experiência dinâmica, moderna, inovadora e que podem aprender a competir e alcançarem resultados favoráveis com este trabalho. Trabalhei com eles a ideia de visualização, de exposição da sua produtividade, necessidade de organização, divisão de tarefas e trabalho em equipe. Os que não tinham ou não queriam ter facebook, foram convencidos de que só criariam para estar naquele grupo e realizar o trabalho.

Criei o grupo com o nome de GT de Ciência Política, com dia e turno da disciplina e adicionei o líder de cada time e o mesmo, foi adicionando seus colegas de equipe. Ao criar o grupo de acompanhamento dos seminários, defini logo as regras de postagem. Bem o grupo tinha um foco e não podíamos perdê-lo. As regras se voltavam justamente para esta perspectiva, postar fotos de trabalho, das reuniões, textos, dúvidas, ideias, cronograma de trabalho da equipe, divisão das tarefas na mesma, interações e ao final das apresentações os slides apresentados pra turma com fotos ou vídeos temáticos. A primeira postagem foi de boas vindas dos grupos, com nome e avatar correspondente. Posso assegurar que ao longo do trabalho, todos se sentiram motivados e cada vez mais competitivos, porque queriam alcançar os pontos que somariam com a prova. A experiência foi um sucesso. Alguns queriam ainda postar debate sobre eleições, pois o ano era este, mas logo os chamei inbox e expliquei novamente o objetivo do trabalho e o aluno retirou a postagem.

Dessa forma, o que os autores aqui defenderam sobre nos apropriarmos das redes sociais em nosso favor e produzirmos novas formas de ensinar e aprender foi uma construção muito significativa com aqueles alunos. Ao final do semestre, me agradeceram ter inovado e dinamizado suas aprendizagens. Fizemos várias fotos e postamos e ainda fui a professora paraninfa de uma das turmas.

Considerações finais

Com esta experiência, observei que a resistência inicial dos alunos foi diluída com os valores que foram estimulados ao longo do processo de ensino e aprendizagem: Competição profissional, colaboração entre os grupos, monitoramento de atividades, motivação, criatividade e sociabilidade, interação, participação e interesse. Dessa forma,

o que os autores aqui defenderam sobre nos apropriarmos das redes sociais em nosso favor e produzirmos novas formas de ensinar e aprender foi uma construção muito significativa com aqueles alunos. Ao final do semestre, me agradeceram ter inovado e dinamizado suas aprendizagens. Fizemos várias fotos e postamos e ainda fui a professora paraninfa de uma das turmas.

Por que podemos usar o facebook para diferenciar nossas aulas? Porque nossa geração de alunos precisa entender que é possível utilizar esta rede social como grande aliado na construção de sua performance profissional. Claro está que cada um pode usar seu facebook como desejar, mas é preciso ter clareza de que nós postamos nossas escolhas e escrevemos, compartilhamos ou debatemos como pensamos ou como queremos que pensem ou entendam quem somos ou podemos ser. A educação do século XXI mostra que é preciso estar preparado para sermos vários sem deixarmos de ser nós mesmos. A aprendizagem colaborativa integra novas formas de produção de conhecimentos e do fazer ciência em tempos atuais.

Referências

BARRETO, Raquel Goulart. Tecnologia e educação: trabalho e formação docente. Educ. Soc., Campinas, v. 25, n. 89, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22617.pdf> . Acesso em: 08 de maio de 2017;

BEHRENS, Marilda Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas – SP: Papirus, 2000.

COUTO JÚNIOR, D. R.; SANTOS, R. A tessitura do conhecimento numa Rede Social da Internet: um estudo netnográfico na interface Facebook. In.: Anais do V Simpósio Nacional ABCiber. Florianópolis, 2010.

MATTAR, João. Web 2.0 e redes sociais na educação. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

SANTOS, Edméa. "A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos." Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias, 2011. Disponível em : <http://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/6179> . Acesso em: 07/05/2017.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999;

DELORS, Jacques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortezo, 1998.

LÉVI, Pierre. As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática, São Paulo, 1993.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Rio de Janeiro: Ed.34, 1999.

MINHOTO, P. MEIRINHOS, M. O Facebook como plataforma de suporte à aprendizagem da Biologia. Editora: Instituto Politécnico de Bragança. Biblioteca Digital de IPB, 2011. Disponível em:

MÓRAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto. MORALES, Ofelia Elisa Torres (orgs). Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. Disponível na internet em:

SIEMENS, G. Connectivism: Learning Theory or Pastime of the Self-Amused? Elearnspace. 12, nov. 2006. Disponível em <http://usuarios.upf.br/~teixeira/livros/conectivismo%5Bsiemens%5D.pdf>. Acesso em 02 de maio de 2017.

VALENTE, J. A. Blended Learning e as Mudanças no Ensino Superior: a proposta da sala de aula invertida. Educar em Revista, v. Especial 4, Paraná, 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe4/0101-4358-er-esp-04-00079.pdf>.